



ARTIGOS

Discriminação cotidiana, suporte social e sofrimento psíquico: Implicações psicossociais da pobreza no ensino superior

Everyday discrimination, social support and psychological distress: psychosocial implications of poverty in higher education

Discriminación cotidiana, apoyo social y malestar psicológico: implicaciones psicossociales de la pobreza en la educación superior

Márcia Kelma de

Alencar Abreu¹

orcid.org/0000-0002-2262-7918

kelmabreu@yahoo.com.br

Verônica Moraes

Ximenes²

orcid.org/0000-0003-3564-8555

vemorais@yahoo.com.br

Recebido em: 06 jul. 2021.

Aprovado em: 11 ago. 2021.

Publicado em: 27 ago. 2025

Resumo: Este artigo, com abordagem quantitativa, busca identificar a relação entre discriminação cotidiana, percepção de suporte social e equilíbrio emocional a partir das implicações psicossociais da pobreza. A amostra consiste em 251 estudantes pobres de duas universidades públicas do Estado do Ceará. O questionário contém os instrumentos: Questionário de Pobreza Multidimensional, Escala de Percepção de Suporte Social, Escala de Integração Social no Ensino Superior e Escala de Discriminação Cotidiana. Utilizaram-se as análises estatísticas MANOVA e Regressão Linear Múltipla. Identificou-se que, ao passo que a discriminação cotidiana aumenta, a percepção de suporte social e o equilíbrio emocional diminuem, de acordo com o nível crescente de pobreza multidimensional. Aponta-se uma relação de predição negativa entre discriminação cotidiana e equilíbrio emocional. Considerar a problemática do sofrimento ético-político inserido na dialética exclusão-inclusão social no ambiente universitário é conferir aos processos subjetivos um importante foco de análise das práticas opressoras.

Palavras-chave: pobreza; estudantes universitários; discriminação cotidiana; suporte social; equilíbrio emocional.

Abstract: This paper, with a quantitative approach, seeks to identify the relationship between everyday discrimination, perceived social support and emotional balance from the psychosocial implications of poverty. The sample consists of 251 poor students from two public Universities in Ceará State. The questionnaire contains the instruments: Multidimensional Poverty Questionnaire, Social Support Perception Scale, Higher Education Social Integration Scale and Everyday Discrimination Scale. The MANOVA and Multiple Linear Regression statistical analyses were used. It was identified that while everyday discrimination increases, perceived social support and emotional balance decrease, according to the increasing level of multidimensional poverty. A negative predictive relationship between everyday discrimination and emotional balance is pointed out. To consider the problem of political-ethical suffering embedded in the dialectics of social exclusion-inclusion in the university environment is to give subjective processes an important focus for the analysis of oppressive practices.

Keywords: poverty; college students; everyday discrimination; social support; emotional balance.

Resumen: Este artículo, con un enfoque cuantitativo, pretende identificar la relación entre la discriminación cotidiana, la percepción de apoyo social y el equilibrio emocional a partir de las implicaciones psicossociales de la pobreza. La muestra consta de 251 estudiantes pobres de dos universidades públicas del Estado Ceará. El cuestionario contiene los instrumentos: Cuestionario de Pobreza Multidimensional, Escala de Percepción de Apoyo Social, Escala de Integración Social en la Educación Superior y Escala de Discriminación Cotidiana. Se utilizaron los análisis estadísticos MANOVA y Regresión Lineal Múltiple. Se identificó que mientras la discriminación cotidiana aumenta, la percepción de apoyo social y



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a licença [CC-BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), que permite a cópia e redistribuição do material em qualquer formato e para qualquer finalidade, desde que a autoria original e os créditos de publicação sejam mantidos.

¹ Universidade Regional do Cariri (URCA), Crato, CE, Brasil.

² Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE, Brasil.

el equilibrio emocional disminuyen, de acuerdo con el nivel creciente de pobreza multidimensional. Se señala una relación predictiva negativa entre la discriminación cotidiana y el equilibrio emocional. Considerar la problemática del sufrimiento ético-político inserta en la dialéctica exclusión-inclusión social en el ámbito universitario es conferir a los procesos subjetivos un importante foco de análisis de las prácticas opresivas.

Palabras-clave: pobreza; estudiantes universitarios; discriminación cotidiana; apoyo social; equilibrio emocional.

A entrada massiva de estudantes pobres nas universidades públicas brasileiras, impulsionada pelas políticas de democratização do Ensino Superior no início deste século, e que teve culminância com a Lei de Cotas (Lei n. 12.711, 2012), evidencia a necessidade de problematizar a permanência desse novo público a partir de uma perspectiva psicossocial. Assim, Paula (2017) conclui que a taxa de concluintes continuou desfavorável entre os anos de 2000 e 2015, quando comparada à expansão do número das vagas e à taxa de ingresso, especialmente após 2008, apesar dos incentivos dados pela Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) e pela Política Nacional de Assistência Estudantil (PNAE), a partir de 2007. A autora ressalta que esse decréscimo da taxa de concluintes é um importante indicador para visualizar a permanência, colocando as altas taxas de evasão em evidência.

Assim, a permanência com êxito na conclusão do curso tem sido um grande desafio para boa parte dos estudantes pobres ingressantes. Entre esses dificultadores, Bertolini et al. (2019) apontam a defasagem na educação básica dos egressos de escolas públicas brasileiras. Outras limitações são apontadas por Lessa (2017) e relacionam-se à necessidade de readaptação de práticas institucionais assistenciais, pedagógicas, curriculares, saberes e linguagens para inserção efetiva desse novo perfil discente.

Nesse sentido, Cassandre et al. (2016) asseveram que os saberes acadêmicos são europeizados, monoculturais, homogêneos, preconceituosos e podem gerar assimetrias entre estudantes da elite e estudantes pertencentes aos grupos marginalizados, que tratamos nesta investigação como estudantes pobres e/

ou cotistas. Dessa forma, referimo-nos a estes grupos como aqueles historicamente excluídos do acesso à educação acadêmica (Ribeiro et al., 2017). Esses segmentos são apontados nas pesquisas como estudantes de origem popular, estudantes não tradicionais no Ensino Superior (Fragoso & Valadas, 2018).

Vale ressaltar que se compreende a pobreza em uma perspectiva multidimensional (Sen, 2000), ao considerar tanto os aspectos monetários quanto os fatores sociais, políticos, estruturais e ideológicos (Ximenes et al., 2020). Assim, os aspectos psicossociais da vida em contexto de pobreza são evidenciados para a compreensão desse fenômeno, já que são produzidas formas subjetivas singulares de viver, atuar e enfrentar a realidade a partir dessa condição.

Importa destacar a interseccionalidade da identidade (Nogueira, 2017), o que implica nas múltiplas interações dos elementos identitários, como classe, gênero, raça/etnia, entre outros. Desconsiderar o impacto desses marcadores nos mecanismos opressores significa fragmentar a realidade. Dessa forma, este trabalho se propõe a investigar as questões específicas da pobreza, partindo da compreensão que ela se intersecta com as demais questões, em especial a questão racial. No entanto, o foco se manterá nas questões da pobreza que atravessam o estudante.

Para Góis (2012), a opressão configura-se como consequência dos processos ideológicos de submissão e resignação que remetem os pobres ao sofrimento psíquico, interferindo nas formas de enfrentamento das adversidades advindas dessa condição. Assim, as assimetrias acadêmicas podem gerar processos de opressão (Freire, 2019) para os estudantes pobres, inclusive as vivências de discriminação cotidiana, um dos focos desta análise. A discriminação cotidiana é forjada nas relações de poder que se estabelecem entre grupos (Coelho & Silva, 2019). Nessas relações, o grupo alvo da discriminação é considerado inferiorizado por algum marcador que o desvaloriza, gerando sofrimentos e interferindo negativamente no funcionamento emocional das pessoas.

Por outro lado, Griep et al. (2005) afirmam

que a percepção de suporte social pode ser definida como a satisfação do indivíduo quanto à qualidade e disponibilidade do apoio emocional, material e informativo advindo das relações interpessoais, pautadas na reciprocidade. Esse recurso potencializa a proteção social, a coerência e o controle da vida, beneficia a saúde e diminui o estresse (Andrade & Vaitsman, 2002; Gonçalves et al., 2011).

Dessa forma, este artigo, a partir de uma abordagem quantitativa, busca identificar a relação entre a discriminação cotidiana, a percepção de suporte social e o equilíbrio emocional, considerando as implicações psicossociais da pobreza, em estudantes de duas universidades públicas do Estado do Ceará. Vale destacar que este estudo é parte de uma tese de doutorado, intitulada *Implicações psicossociais da pobreza na permanência de estudantes de universidades públicas do Ceará*.

Método

A abordagem metodológica adotada nesta investigação foi a quantitativa já que esta permite abordar o objeto de investigação de forma objetiva, o que facilita a visualização e comparação dos dados. Ao utilizar linguagem matemática, permite realizar inferências entre nexos e causalidades.

Contexto e participantes

Foram pesquisados 251 estudantes pobres de duas universidades: Universidade Federal do Estado do Ceará (UFC) e Universidade Regional do Cariri (URCA). Constituiu-se uma amostra do tipo não probabilística, por conveniência, já que não possuiu rigor estatístico na quantificação e seleção dos participantes. Os critérios de seleção dos participantes foram diferenciados nas duas instituições, pois na URCA os cotistas ainda não haviam chegado à época da coleta de dados.

A UFC é uma instituição federal que atua em todo o território do Estado do Ceará; seu sistema de reserva de vagas, com base na Lei de Cotas (Lei n. 12.711, 2012), foi implantado desde 2013. Portanto, na UFC investigamos alunos cotistas.

Esses estudantes satisfizeram os seguintes critérios: estar regularmente matriculados nos cursos de graduação presencial dos *campi* localizados na cidade de Fortaleza; ser aluno cotista; ter mais de 18 anos; ter assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Já a URCA é uma das três universidades estaduais do Estado do Ceará, instituição de referência na formação superior da região do Cariri, com destacado pioneirismo na interiorização desse nível de ensino no estado. A política de cotas nessa instituição foi recentemente implantada, o que inviabilizou a investigação desse público. Portanto, os critérios de participação na URCA excluíram o critério de ser cotista. Dessa forma, foi acrescida ao questionário de pesquisa a declaração de renda familiar (até dois salários mínimos) e/ou de ser egresso de escola pública e/ou de ser ou ter sido bolsista da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PROAE); um desses três critérios foi considerado como demonstrativo da condição de pobreza. Os outros critérios foram iguais aos da UFC.

Instrumento de coleta de dados

A técnica utilizada para coletar os dados foi o questionário *on-line*, divulgado por meio do *link* do formulário Google. O questionário foi construído com os seguintes instrumentos: Questionário de Pobreza Multidimensional (Ximenes et al., 2016); Escala de Percepção de Suporte Social — EPSS (Siqueira, 2008); Escala de Integração Social no Ensino Superior Revista e Ampliada — EISES-R (Diniz, 2017); e Escala de Discriminação Quotidiana — EDC (William et al., 1997).

O Questionário de Pobreza Multidimensional (Ximenes et al., 2016) foi utilizado para verificar o Índice de Pobreza Multidimensional (IPM) dos estudantes universitários. Foram calculados o índice geral, que engloba cinco dimensões: Educação, Trabalho e Renda, Saúde, Habitação e Aspectos Subjetivos da Pobreza. Na dimensão Educação, analisaram-se aspectos como: escola frequentada no Ensino Médio, escolaridade dos pais e se o estudante é a primeira pessoa da família a ingressar no Ensino Superior. Quanto

à dimensão Trabalho e Renda, consideraram-se dados como: se o estudante possui atividade remunerada, a renda familiar e a renda pessoal, se já precisou pedir dinheiro para comprar material na universidade e se dispõe de dinheiro suficiente para se manter no curso.

Na dimensão Moradia, verificaram-se dados como: condições de habitação, quantidade de bens duráveis, se o ingresso na universidade implicou mudança de residência e a região de origem (rural ou urbana). A dimensão Saúde foi analisada ao considerar a frequência de êxito no acesso aos serviços de saúde, a disponibilidade de transporte para esse acesso, a quantidade de refeições diárias e o local onde se faz a maior parte dessas refeições. A dimensão Aspectos Subjetivos da Pobreza foi calculada a partir de alguns itens das escalas, tais como: humilhação por motivo de renda, percepção de suporte emocional ao precisar de dinheiro emprestado e fornecimento de alimentação, atribuição de prejuízo ao entrar na universidade por falta de dinheiro e discriminação por nível socioeconômico.

A pontuação do índice geral e dos cinco aspectos específicos foi calculada por meio da metodologia *fuzzy* no intervalo de 0 a 1, sendo que, quanto mais próximo de 0, menor a pobreza, e quanto mais próximo de 1, maior a pobreza. O construto IPM foi calculado através da média dos 18 itens que o compuseram.

Escala de Percepção de Suporte Social — EPSS (Siqueira, 2008). Este instrumento possui 29 itens em sua versão original, com pontuação de 0 a 3 (0 = Nunca; 1 = Poucas vezes; 2 = Muitas vezes; 3 = Sempre), e apresenta questões que iniciam com a pergunta: "Quando você precisa, pode contar com alguém que...?" No entanto, nesta investigação, utilizou-se a versão reduzida deste instrumento — EPSS-r (Ximenes et al., 2020), finalizada com 12 itens, ao ser adaptada e validada para a população brasileira que vivencia contexto de pobreza. Na presente amostra ($N = 251$), a Análise Fatorial Exploratória (AFE), por meio do método do eixo principal com rotação oblíqua (*promax*), revelou estrutura unifatorial, com os índices: $KMO = 0,91$; $Barlett p < 0,001$; $0,51$

$< \beta > 0,80$; percentagem de variância acumulada pelos fatores = $0,51$; Variância Média Extraída (VME) = $0,47$ e Fiabilidade Compósita (FC) = $0,91$. Sendo assim, o construto Suporte Social foi calculado a partir dos 12 itens.

Escala de Discriminação Cotidiana — EDC (William et al., 1997). O índice Discriminação Cotidiana (DC) foi calculado a partir dos itens da versão adaptada para jovens portugueses (Freitas et al., 2015). A escala é composta por 11 itens que descrevem situações de discriminação, tais como: "As pessoas insultam você", "As pessoas agem como se fossem melhores do que você" e "As pessoas agem como se houvesse algo de errado contigo". Posteriormente, a escala foi adaptada e validada também para os jovens brasileiros, a partir de um conjunto de dados que incluiu o banco desta pesquisa (Abreu et al., 2022).

Os sujeitos assinalaram a frequência com que vivenciam cada situação de discriminação em uma escala tipo *Likert* de 6 pontos, com pontuação de 0 a 5 [0 = Nunca; 1 = Raramente (menos de uma vez/ano); 2 = Poucas vezes (algumas vezes/ano); 3 = Algumas vezes (algumas vezes/mês); 4 = Muitas vezes (pelo menos uma vez/semana); 5 = Quase sempre (quase todos os dias)]. Na presente amostra, a escala foi analisada em sua dimensão unifatorial: $KMO = 0,91$; $Barlett p < 0,100$; $0,45 < \beta > 0,82$; percentagem de variância acumulada pelos fatores = $0,50$ ($0,50$); VME = $0,45$ e FC = $0,90$.

Escala de Integração Social no Ensino Superior Revista e Aumentada — EISES-R (Diniz, 2017). Esta escala possui o EE (Equilíbrio Emocional) como um de seus construtos, sendo constituída por 30 itens, com escala de resposta de *Likert* que varia entre "discordo totalmente" (1) e "totalmente de acordo" (5). Os 6 itens do EE são: "Tenho me sentido ... abatido(a)/ sozinho(a)/ irritável... nesse período de Ensino Superior"; "Às vezes ... sinto vontade de chorar/ me sinto deprimido/ me sinto desesperado... nessa minha vida de estudante". Nesta amostra, a análise fatorial exploratória revelou os seguintes índices: $KMO = 0,84$; $Barlett p < 0,001$; percentagem de variância acumulada

pelos fatores = 0,54, resultando em 5 fatores, com VME entre 0,49 e 0,73 e de FC entre 0,73 e 0,89.

Procedimentos

A pesquisa foi divulgada em redes sociais, eventos e espaços acadêmicos. Os dados foram coletados durante os meses de maio a setembro de 2018. A coleta de dados dessa etapa ocorreu *on-line*, por meio de convite e *link* divulgados nas redes sociais e nos *e-mails* dos estudantes para responderem ao questionário do Google Forms. O tempo de resposta foi de aproximadamente 10 minutos.

Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e o projeto de pesquisa foi aprovado no comitê de ética competente, CAEE80921517.3.0000.5054, em dezembro de 2017, resguardando os princípios e as diretrizes da Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016.

Análise de dados

A partir da tabulação e inserção no *software* SPSS, os dados coletados nos questionários foram analisados com tratamento estatístico. Além das estatísticas descritivas, foram feitas Análise Multivariada de Variância (MANOVA) e Regressão Linear Múltipla. Antes da realização dos testes, foi calculada análise *a priori* através do *G-power*, para identificar o tamanho da população necessária, a partir de uma magnitude de efeito moderada diretamente determinada, um erro tipo I de 0,044 e um poder estatístico de 0,80 (Faul et al., 2009). Observaram-se também os critérios de igualdade de variância para as análises multivariadas. Já para a regressão múltipla, foram observados os índices de normalidade e demais pressupostos, como Fator de Inflação da Variância (VIF) e teste *d* de Durbin-Watson.

Resultados

A fim de compreender o impacto da pobreza nos mecanismos de discriminação, na percepção de suporte social e no equilíbrio emocional dos sujeitos, realizou-se uma MANOVA do Teste *F* de Snedecor para comparações de médias do fator

Índice de Pobreza Multidimensional, com quatro grupos de diferentes níveis de pobreza, relativas aos critérios de Discriminação Cotidiana, Equilíbrio Emocional e Suporte Social (SS), por meio do método de comparações múltiplas (Tabela 1).

Para tanto, foi realizada análise *a priori* e obteve-se um número de 185 participantes como amostra necessária. A homocedasticidade das covariâncias foi garantida (FM de Box = 1,26; $p = 0,206$). Os três critérios tiveram variância significativa de médias para os quatro grupos do fator IPM, principalmente DC e SS, especialmente nos grupos extremos: Mais pobres – Nível 1 de pobreza e Menos pobres – Nível 4 de pobreza (Tabela 1), o que sugere que os estudantes mais pobres vivenciam mais discriminação cotidiana, percebem menos suporte social e têm piores índices de equilíbrio emocional.

Tabela 1 – MANOVA para o Fator Níveis de Pobreza (IPM – 4 grupos)

| Critério | Médias entre grupos | Igualdade de variâncias | Teste F | Magnitude de efeito | Potência Estatística Observada |
|----------|---|------------------------------------|------------------------------------|--|--------------------------------|
| DC | IPM nível 1 ($M = 0,50$) IPM nível 4 ($M = -0,38$) | $F_{Levene} = 0,32$ $p = 0,076$ | $F(3, 247) = 80,53$ $p < 0,001$ | Moderada $\eta^2 = 0,07$ $\eta p^2 = 0,09$ | Pobs = 0,99 |
| SS | IPM nível 1 ($M = -0,52$) IPM nível 4 ($M = 0,54$) | $F_{Levene} = 0,34$ $p = 0,800$ | $F(3, 247) = 13,58$ $p < 0,001$ | Entre moderada e elevada $\eta^2 = 0,10$ $\eta p^2 = 0,14$ | Pobs = 1,00 |
| EE | IPM nível 1 ($M = -0,35$) IPM nível 4 ($M = 0,24$) | $F_{Levene} = 0,66$ $p = 0,579$ | $F(3, 247) = 4,02$ $p < 0,01$ | Entre fraca e moderada $\eta^2 = 0,03$ $\eta p^2 = 0,05$ | Pobs = 0,83 |

Nota: DC = Discriminação Cotidiana; SS = Percepção de Suporte Social; EE = Equilíbrio Emocional. Índices psicométricos: η^2 = eta quadrado; ηp^2 = eta quadrado parcial.

Na Tabela 1, observa-se que, enquanto a discriminação cotidiana é maior, a percepção de suporte social e o equilíbrio emocional são menores de acordo com o nível crescente de pobreza multidimensional, sendo que essa condição impacta cada um desses critérios, assim como a relação entre eles.

Para aprofundar a compreensão do impacto das discriminações vivenciadas e da percepção de suporte social no equilíbrio emocional, realizou-se o modelo de regressão linear múltipla com a utilização dos preditores Discriminação

Cotidiana e Suporte Social, com método *enter*, para predição do critério Equilíbrio Emocional (Tabela 2). A análise *a priori* determinou tamanho mínimo amostral de 70 participantes. Quanto ao pressuposto de normalidade, este foi observado no preditor SS ($ZK-S = 0,05$; $p = 0,200$) e não foi observado no critério EE ($ZK-S = 0,09$; $p < 0,001$), nem no preditor DC ($ZK-S = 0,10$; $p < 0,001$). No entanto, dada a excelente potência estatística e a magnitude de efeito moderada, a análise foi realizada. Outros pressupostos foram observados: VIF = 1,09; teste *d* de Durbin-Watson = 1,83 (Tabela 2).

Tabela 2 – Regressão linear múltipla para predição do Equilíbrio Emocional

| Modelo geral de regressão | | $F(2, 248) = 15,09$; $p < 0,001$; $R^2 = 0,10$; $f^2 = 0,11$; Pobs = 0,99 | | | |
|---------------------------|--------------------------------|---|------|--------|--|
| Preditor | T | B | EP | B | |
| Suporte Social | $t(250) = 1,58$ $p = 0,116$ | 0,10 | 0,06 | 0,09 | |
| Discriminação Cotidiana | $t(250) = 2,25$ $p < 0,05$ | - 0,30 | 0,06 | - 0,29 | |

Nota: índices psicométricos: $f^2 = R^2 / 1 - R^2$

O modelo global apresentou-se significativamente, mas essa significância se deve a somente um dos preditores (Discriminação Cotidiana), que se relacionou com o critério Equilíbrio Emocional. Portanto, maiores níveis de Discriminação Cotidiana sugerem menores níveis de Equilíbrio Emocional. Já os níveis de Suporte Social não sugerem relação estatística significativa com os níveis de Equilíbrio Emocional (Tabela 2). Pode-se concluir que, quanto mais discriminação cotidiana o jovem vivencia, menores são os níveis de equilíbrio emocional vivenciado, configurando a Discriminação Cotidiana como uma relevante implicação psicossocial da pobreza em nível afetivo e emocional.

Discussão

Souza Filho (2012) descreve o reconhecimento enquanto experiência intersubjetiva que possibilita relações e comunicação, necessárias à condição humana. Paradoxalmente, nas sociedades de classes, o reconhecimento pode ser negado por um conjunto de concepções de humanidade, ideologias e normas que privilegiam alguns grupos com o estatuto de humanidade e afastam outros, gerando processos de discriminação.

O efeito ideológico mais forte do não reconhecimento é o assujeitamento das pessoas ao compreenderem essa situação como algo inexorável, ou seja, são produzidas existências marcadas pelos processos de estigmatização e discriminação, que resultam em experiências de humilhação, desvalorização, baixa autoestima e despotencialização.

No meio universitário, dado o seu caráter elitista, o reconhecimento passa a ser uma luta empreendida pelas minorias e pelos grupos marginalizados. As condições de classe social, etnia, deficiência, entre outras, nas universidades públicas podem ser deflagradoras de atitudes discriminatórias, por meio do escalonamento de alunos em sua condição humana, determinado pelos códigos dos grupos dominantes.

Dessa forma, o meio universitário pode expor os estudantes multidimensionalmente pobres a vários mecanismos discriminatórios, ao terem

sua inserção desafiada pela cultura acadêmica, já que a distância entre o saber acadêmico e a práxis social (Mohr et al., 2012) nas universidades favorece o seu caráter elitista, fragmentado.

Ademais, o padrão de consumo diferenciado e evidenciado nas formas de acessar bens, a dificuldade em obter recursos necessários para a permanência, o capital cultural (Bourdieu, 2007) deficitário em relação ao valorizado academicamente, como a cultura erudita, o domínio de língua estrangeira, entre outras peculiaridades, constituem importantes desafios à permanência, sendo potencialmente deflagradores de mecanismos opressores.

Nessa direção, os sofrimentos sociais relacionados à estigmatização, ao preconceito, à discriminação, ao não reconhecimento (Carreteiro, 2020), à humilhação e à vergonha são gerados a partir da participação em situações que desvalorizam códigos sociais e culturais, depreciando e invalidando as experiências vividas por grupos marginalizados. Portanto, essas desigualdades acirradas com o nível de pobreza multidimensional vivenciado pelos estudantes, em um meio acadêmico que não valoriza suas experiências culturais, possivelmente os expõem a diversas formas de discriminação, podendo impactar negativamente a subjetividade e afetar o equilíbrio emocional (Tabela 1).

Por outro lado, ao mesmo tempo em que pode ser um espaço deflagrador de mecanismos opressores, a universidade também é um ambiente de fortalecimento. Entre os mecanismos de enfrentamento no meio acadêmico, temos o Suporte Social, que está associado à redução do estresse, maior bem-estar pessoal e maiores níveis de saúde física e mental (Andrade & Vaitzman, 2002; Cardoso & Baptista, 2015). Portanto, Gonçalves et al. (2011) asseveram a importância que o estudo dessa categoria tem para o enfrentamento das adversidades do contexto de pobreza. O fortalecimento das relações sociais resulta em uma maior expressão de sentimentos negativos, aumento da autoestima e do autoconceito, além de favorecer a criação de novas estratégias para lidar com as adversidades a

serem enfrentadas pelos estudantes pobres.

No entanto, baixos níveis de percepção de Suporte Social, em função da crescente condição de pobreza multidimensional (Tabela 1), enfraquecem as capacidades reativas dos sujeitos diante de situações estressoras, configuradas a partir dos inúmeros desafios que os estudantes pobres enfrentam para a permanência, o que pode impactar na saúde emocional desses alunos. Nesse sentido, as pesquisas afirmam a relevância das relações sociais na redução dos transtornos psicológicos (Cardoso et al., 2020) e na integração social (Diniz, 2005).

Dessa forma, não apenas os mecanismos opressores da situação de pobreza, como a discriminação, mas também o enfraquecimento das estratégias de enfrentamento, tal qual o Suporte Social, potencializam o sofrimento psíquico. A análise da relação de predição da percepção de Suporte Social e da Discriminação Cotidiana sobre o equilíbrio emocional (Tabela 2), construto que está relacionado ao sofrimento psíquico, possibilitou a complementação desta análise.

No modelo geral da Tabela 2, observa-se a potencialidade da relação entre os maiores níveis de Discriminação Cotidiana e os menores níveis de Suporte Social na predição de menores níveis de Equilíbrio Emocional, o que infere que estes dois fatores associados impactam o sofrimento psíquico dos universitários. Pode-se considerar a percepção de Suporte Social como um fator de proteção, que, se atenuado, aumenta o risco de sofrimento psíquico, o que evidencia a importância do fortalecimento das redes de solidariedade no meio acadêmico, familiar e comunitário dos estudantes. Nesse sentido, Andrade e Vaitsman (2002) revelam a importância do suporte social para obter níveis maiores de saúde emocional.

Assim, o suporte social, quando percebido entre alunos nas redes de sociabilidade do meio acadêmico, atua como um importante recurso para o enfrentamento das adversidades geradas pelas assimetrias, tanto na dimensão cognitivo-instrumental quanto na afetivo-cooperativa (Ximenes et al., 2020). No aspecto cognitivo-instrumental, envolve questões como autoa-

firmação, ajuda para a resolução de problemas, incentivo e reforço positivo. Aqui destaca-se também a importância das políticas de permanência, embora não sejam alvo deste estudo. Na dimensão afetivo-cooperativa, inclui suporte afetivo, cuidado, acolhimento, encorajamento e valorização pessoal.

No entanto, o modelo específico da regressão (Tabela 2) apresenta-se estatisticamente significativo para o preditor Discriminação Cotidiana, o que demonstra a relevância desse construto para o desencadeamento do sofrimento psíquico, através da predição de menores níveis de Equilíbrio Emocional ao se vivenciar mais discriminação. Considerando a especificidade dos sujeitos investigados, cabe destacar que viver em um contexto de pobreza favorece a construção de aspectos opressores internalizados na subjetividade do pobre, a partir dos constantes desrespeitos e humilhações vivenciadas, tendo como consequentes os sofrimentos psicossociais de resignação e vergonha (Góis, 2012).

Dessa forma, a humilhação social é compreendida, em uma perspectiva psicossocial, como processo crônico e histórico de exclusão de uma classe social, na qual os pobres são impedidos da iniciativa e da palavra, e como processo subjetivo, enquanto angústia que se configura no corpo, gesto, imaginação e voz. Esses sofrimentos distanciam os pobres da sua humanidade.

Ademais, o estigma é um atributo depreciativo que caracteriza identidades deterioradas em uma rede de relações (Goffman, 1975) e se caracteriza como princípio gerador dos mecanismos psicossociais que sustentam as situações de discriminação. Os alunos pobres e/ou cotistas já adentram o meio acadêmico, especialmente nos cursos mais elitizados, com uma série de estigmas, como o de que são alunos sem uma base adequada de conhecimentos, por isso não seriam capazes de obter um bom rendimento acadêmico, poderiam diminuir o nível das turmas e não seriam profissionais bem formados (Abreu, 2020).

Portanto, a assimetria acadêmica é potencial-

mente produtora da impotência e opressão dos grupos historicamente marginalizados, ao abalar sentimentos como o amor-próprio e a dignidade e potencializar sentimentos autodepreciativos sobre suas capacidades e potencialidades, gerando, conseqüentemente, o julgamento negativo da autoimagem e da autoeficácia acadêmica (Abreu, 2020). Nesse processo, há um juízo de valor criado coletivamente, que é internalizado pelo oprimido e passa a compor o seu autoconceito, influenciando a sua forma de ver e atuar no mundo. Dessa forma, esses sofrimentos psicossociais impactam a construção da identidade pessoal e acadêmica do jovem.

Ademais, Freitas et al. (2015) ressaltam a diferenciação entre as duas dimensões dos processos discriminatórios: o tratamento injusto, relacionado a processos mais abertos e ofensivos de discriminação, e a rejeição pessoal, relacionada a processos mais camuflados de depreciação da pessoa, sendo que este último é ainda mais gerador de sofrimento psíquico. Os mecanismos camuflados dificultam o embate e o enfrentamento. A sutileza nas diversas formas de discriminação legítima várias formas de exclusão, sem que se perceba ou se debata sobre isso, o que a torna ainda mais danosa à saúde psíquica.

Para Sawaia e Figueiredo (2019), estes sentimentos surgem a partir das situações sociais nas quais se é tratado como inferior, subalterno, e expressam a ética da vivência cotidiana permeada pela desigualdade social, das negações impostas aos pobres de se apropriarem da produção material e cultural. Considerar a problemática do sofrimento ético-político inserido na dialética exclusão-inclusão social no ambiente universitário é conferir aos processos subjetivos, como a discriminação cotidiana, um importante foco de análise nas práticas de opressão.

Esses mecanismos opressores visam ao acirramento das desigualdades sociais e evidenciam o fenômeno de legitimação da exclusão a partir dos processos psicossociais. Esses processos são relegados à lógica da invisibilização do sofrimento, o que potencializa seus efeitos danosos à saúde emocional dos estudantes pobres e/

ou cotistas e à perpetuação das fronteiras que marginalizam os grupos historicamente excluídos do meio acadêmico.

Além disso, Moura Jr. e Sarriera (2020) lembram que os sofrimentos psicossociais podem ser auxiliares de mecanismos de resistência, já que o incômodo está presente, o que pode levar ao questionamento das práticas opressoras. No entanto, há necessidade de um contexto minimamente propício e apoiador das práticas de enfrentamento para que os sujeitos possam ampliar a sua capacidade de atuação.

Nesse sentido, as universidades públicas precisam se reinventar (Lessa, 2017) em vários aspectos: em suas políticas de assistência estudantil, com atenção psicossocial pautada nas práticas de educação e promoção da saúde mental em uma perspectiva coletiva; nas práticas pedagógicas, de forma a atender às necessidades dos estudantes ingressantes; nas questões curriculares, com ênfase na diversidade cultural e articulação com a práxis social, entre outras medidas que visibilizem os mecanismos opressores e possibilitem o seu enfrentamento.

Considerações finais

Este estudo identificou o impacto da pobreza nos aspectos psicossociais investigados, já que o crescente nível de pobreza entre os grupos aumenta as vivências de discriminação cotidiana, reduz a percepção de suporte social e diminui os níveis de equilíbrio emocional. Assim, pode-se afirmar que o contexto de pobreza vivenciado pelos jovens universitários tem desafiado a sua permanência no meio acadêmico, por meio da relação entre a intensificação dos mecanismos de opressão e o enfraquecimento dos mecanismos de enfrentamento, impactando na saúde emocional desses estudantes.

Assim, ao considerar a produção dos sofrimentos psicossociais em um ambiente acadêmico assimétrico, em que perpetuam os códigos sociais e culturais dos grupos dominantes, o que desafia a inserção e torna esse cenário hostil aos estudantes pertencentes aos grupos historicamente marginalizados do acesso à educação

superior, evidencia-se o caráter ético-político dos processos discriminatórios que, por meio da invisibilização e sutileza desses processos, tende a sustentar a lógica excludente dos grupos recém-chegados.

Nesse contexto, a tão almejada democratização do Ensino Superior não está garantida, tornando-se crucial fortalecer a luta pela efetivação da equidade no acesso, de forma articulada à promoção da sustentabilidade na permanência, considerando os aspectos psicossociais nela implicados. Esta é uma empreitada que carrega muitas bandeiras e busca dar visibilidade aos grupos historicamente marginalizados de participação nas políticas públicas essenciais em um país de desigualdades tão gigantescas. Para tanto, os sofrimentos psicossociais devem ser evidenciados, e o enfrentamento deve ser feito no âmbito institucional e coletivo.

Dessa forma, este artigo contribui para evidenciar a problemática das implicações psicossociais da pobreza no Ensino Superior, ampliando o alcance dessas questões para a ciência psicológica e para o campo educacional. Quanto às questões metodológicas, contribui por meio da utilização de metodologias quantitativas de pesquisa para investigar a pobreza, o que possibilita uma melhor visualização dos resultados das investigações, dada a especificidade das questões psicossociais e a necessidade de impactar o planejamento das políticas institucionais para o Ensino Superior. As limitações do trabalho estão relacionadas à restrição das pesquisas apenas aos cursos de graduação, aos cursos presenciais e às instituições públicas, o que pode vir a ser suprido por futuras pesquisas nas pós-graduações, nos cursos à distância e nas universidades privadas, espaços nos quais a pobreza dos estudantes também se faz impactante.

Referências

Abreu, M. K. A. (2020). *Implicações psicossociais da pobreza na permanência de estudantes de universidades públicas do Ceará* [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Ceará]. <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/49108>

Abreu, M. K. A., Leme, V. B. R., Fernandes, L. M., Rocha, C. S., Ximenes, V. M., Freitas, D. F., & Coimbra, S. (2022). Escala de discriminação cotidiana para adolescentes e jovens: Adaptação e evidências psicométricas. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 22(2), 709-728. <https://doi.org/10.12957/epp.2022.68646>

Andrade, G. R. B., & Vaitsman, J. (2002). Apoio social e redes: Conectando solidariedade e saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 7(4), 925-934. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232002000400023>

Bertolini, J., Amaral, A., & Almeida, L. (2019). Os cursos de graduação podem compensar a falta de capital cultural e background de estudantes? *Educação e Pesquisa*, 45, e185453. <http://dx.doi.org/10.1590/s1678-4634201945185453>

Bourdieu, P. (2007). *A economia das trocas simbólicas*. Perspectiva.

Cardoso, B. L. A., Guerra, L. L. L., & Sousa, J. M. (2020). Efeitos de uma disciplina de relações interpessoais no repertório social de estudantes de exatas. *Psico*, 51(3), e34055. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2020.3.34055>

Cardoso, H. F., & Baptista, M. N. (2015). Evidência de validade para a escala de percepção do suporte social (versão adulta) - EPSUS-A: Um estudo correlacional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35(3), 946-958. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703001352013>

Carreiro, T. C. (2020). Reflexões sobre adolescências e a complexidade das comunidades de afeto no processo socioeducativo. *Sociedade e Estado*, 35(1), 83-100. <https://dx.doi.org/10.1590/s0102-6992-202035010005>

Cassandre, M. P., Amaral, W. R., & Silva, A. (2016). Eu, Alex, da etnia Guarani: O testemunho de um estudante indígena de administração e seu duplo pertencimento. *Cadernos EBAPE.BR*, 14(4), 934-947. <http://dx.doi.org/10.1590/1679-395146821>

Coelho, B. C., & Silva, C. A. F. (2019). Sociabilidade e discriminação entre grupos de adolescentes-juvenis no Ensino Médio. *Educação Unisinos*, 23(2), 225-241. <https://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2019.232.02>

Diniz, A. M. (2005). *A Universidade e os seus estudantes: Um enfoque psicológico*. ISPA.

Diniz, A. M. (2017). Questionário de Integração Social no Ensino Superior (QISES). In L. S. Almeida, M. R. Simões & M. M. Gonçalves (Coords.), *Adaptação, desenvolvimento e sucesso acadêmico dos estudantes do Ensino Superior: Instrumentos de avaliação* (pp. 21-32). ADPSICEDU. <https://adipsieduc.pt/wp-content/uploads/2024/10/2017-Instrumentos-de-Avaliacao.pdf>

Faul, F., Erdfelder, E., Buchner, A., & Lang, A. G. (2009). Statistical power analyses using G*Power 3.1: Tests for correlation and regression analyses. *Behavior Research Methods*, 41, 1149-1160. <https://doi.org/10.3758/BRM.41.4.1149>

Fragoso, A., & Valadas, S. T. (Coords.). (2018). *Estudantes não-tradicionais no Ensino Superior: Transições, obstáculos e conquistas* (Vol. 6). Cinep.

Freire, P. (2019). *Pedagogia do oprimido* (75ª ed.). Paz e Terra.

Freitas, D. F., Coimbra, S., Marturano, E., & Fontaine, A. M. (2015). Adaptação da Escala de Discriminação Quotidiana para jovens portugueses. *Psicologia: Reflexão & Crítica*, 28(4), 708-717. <http://dx.doi.org/10.1590/1678-7153.201528408>

Goffman, E. (1975). *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. LTC.

Góis, C. W. L. (2012). *Psicologia clínico-comunitária*. Banco do Nordeste do Brasil.

Gonçalves, T. R., Pawlowski, J., Bandeira, D. R., & Piccinini, C. A. (2011). Avaliação de apoio social em estudos brasileiros: Aspectos conceituais e instrumentos. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(3), 1755-1769. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232011000300012>

Griep, R. H., Chor, D., Faerstein, E., Werneck, G. L., & Lopes, C. S. (2005). Validade de constructo de escala de apoio social do Medical Outcomes Study adaptada para o português no Estudo Pró-Saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, 21(3), 703-14. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2005000300004>

Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. (2012, 30 de agosto). Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Presidência da República. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm

Lessa, S. E. C. (2017). Assistência estudantil brasileira e a experiência da Uerj: Entre a inovação e o atraso na atenção ao estudante. *Em Pauta*, 15(39), 155-175. <https://doi.org/10.12957/rep.2017.30381>

Mohr, N. E. R., Monteiro, F. M., Costa, J. G., & Oliveira, J. C. (2012). A expansão das fronteiras da educação pública superior: Uma análise da experiência da Universidade Federal da Fronteira Sul em Laranjeiras do Sul. *RBEF*, 93(235), 791-817. <https://doi.org/10.1590/S2176-66812012000400013>

Moura Jr., J., & Sarriera, J. (2020). Vergonha e humilhação relacionadas com a estigmatização da pobreza: Um estudo qualitativo. *RPI*, 12(2), 108-125. <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2020.v12i2.3600>

Nogueira, C. (2017). *Interseccionalidade e psicologia feminista*. Devires.

Paula, M. F. C. (2017). Políticas de democratização da educação superior brasileira: Limites e desafios para a próxima década. *Avaliação*, 22(2), 301-315. <https://doi.org/10.1590/s1414-40772017000200002>

Ribeiro, E. M. B. A., Peixoto, A. L. A., & Bastos, A. V. B. (2017). Interação entre estudantes cotistas e não cotistas e sua influência na integração social e desempenho acadêmico na universidade. *Estudos de Psicologia*, 22(4), 401-411. <https://doi.org/10.22491/1678-4669.20170041>

Sawaia, B., & Figueiredo, E. B. G. (2019). Psicologia social e o estudo da desigualdade: Reflexões para o debate. *Psicologia em Revista*, 25(2). <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2019v25n2p659-670>

Sen, A. K. (2000). *Desenvolvimento como liberdade*. Companhia das Letras.

Siqueira, M. M. M. (2008). Construção e validação da Escala de Percepção de Suporte Social. *Psicologia em Estudo*, 13(2), 381-388. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000200021>

Souza Filho, A. (2012). Existência, subjetividade e reconhecimento: O roubo da vida na discriminação do outro. *Cronos*, 13(1), 89-98. <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/download/5625/4539>

Williams, D. R., Yu, Y., Jackson, J. S., & Anderson, N. B. (1997). Racial differences in physical and mental health: Socioeconomic status, stress, and discrimination. *Journal of Health Psychology*, 2(3), 335-351. <https://doi.org/10.1177/135910539700200305>

Ximenes, V. M., Moura Jr., J. F., Cruz, J. M., Silva, L. B., & Sarriera, J. C. (2016). Pobreza multidimensional e seus aspectos subjetivos em contextos rurais e urbanos nordestinos. *Estudos de Psicologia*, 21(2), 146-156. <https://doi.org/10.5935/1678-4669.20160015>

Ximenes, V. M., Nepomuceno, B. B., Moura Jr., J. F., Abreu, M. K. A., & Ribeiro, G. O. (2020). Validação da Versão Reduzida da Escala de Percepção de Suporte Social. *Psico-USF*, 25(2), 371-383. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712020250214>

Márcia Kelma de Alencar Abreu

Doutora em Psicologia (UFC). Universidade Regional do Cariri.

Verônica Moraes Ximenes

Doutora em Psicologia – Universidade de Barcelona e pós-doutora em Psicologia – UFRGS; Universidade Federal do Ceará.

Endereço para correspondência:

Márcia Kelma de Alencar Abreu

Rua Cel. Antônio Luis, 1161

Pimenta, 63105-000

Crato, CE, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.